

O corpo e a moda das “Garotas do Alceu”: entre a ousadia e o recato

Gabriela Ordones Penna*

* Gabriela Ordones Penna é bacharel em Publicidade e Propaganda pela PUC-MG, mestranda no Centro Universitário Senac-SP (Bolsa CAPES) e professora do CIMO – Centro Integrado de Moda em Belo Horizonte – MG.

PALAVRAS-CHAVE

“As Garotas do Alceu” – comunicação (corpo e moda) - emancipação feminina

RESUMO

A moda e o corpo atuam como importantes meios de comunicação da mulher com a sociedade. Por meio deles, a mulher estabelece um diálogo com o mundo, refletindo suas aspirações e frustrações. Sendo assim, este trabalho consiste em demonstrar, pelo estudo de imagens da “As Garotas do Alceu”, como Alceu Penna contribuiu para a formação de uma imagem moderna da mulher, na coluna, transmitindo, pelos corpos e a moda das “Garotas”, imagens da emancipação feminina.

KEY WORDS

“The Girls of Alceu” – communication (body and fashion) – feminine emancipation

ABSTRACT

The fashion and the body acts as important medias of the woman with the society. For way of them, the woman establishes a dialogue with the world, reflecting its aspirations and frustrations. Being thus, this work consists of demonstrating, through the images's study of "As Garotas do Alceu", in which way Alceu Penna contributed for the formation of a modern image of the woman, in the column, transmitting, through the bodies and the fashion of the "Garotas", images of the feminine emancipation.

A moda e o corpo atuam como um espelho de uma época e revelam um imaginário específico, estabelecendo uma comunicação com o mundo em que estão inseridos. Assim como a moda, o corpo é um espaço de fronteiras múltiplas, assim como de significados, que, ao mesmo tempo, se destacam e se fundem em contato com o ambiente em que estão inseridos: “O corpo é ao mesmo tempo a coisa mais sólida, mais elusiva, ilusória, concreta, metafórica, sempre presente e distante: um sítio, um instrumento, um entorno, uma singularidade e uma multiplicidade”.¹

O corpo e a moda das “Garotas do Alceu”, pensados como canais de comunicação, evidenciam, em parte, a realidade vivenciada pelas moças contemporâneas à coluna, que viviam sob o comando de uma sociedade patriarcal e conservadora. Mesmo refletindo o universo das leitoras de *O Cruzeiro*, a coluna, ao mesmo tempo em que se aproxima dessa realidade, parece dar pistas de certos avanços em direção a uma situação menos conservadora para a mulher.

Em 1938 Alceu Penna começa a desenvolver na revista *O Cruzeiro* a coluna “*As Garotas do Alceu*” (1938-1964), inspiradas nas “*Gibson Girls*”². A coluna apresentava, semanalmente, uma diversidade de ilustrações lindas e ousadas, sendo acompanhadas de textos bem-humorados e maliciosos. Os redatores mais proeminentes, por ordem de aparição, foram o próprio Alceu Penna, no início da coluna, depois Acciolv Netto (Lyto) Millôr Fernandes (Vão Gôgo), Edgar Alencar (A Ladino) e finalmente Maria Luiza Castelo Branco (Maria Luiza).

A coluna emergiu em um período particular da história nacional: o Estado Novo (1937-1945). Esse momento, especialmente para o cenário feminino, apresentou um retorno aos padrões conservadores. Getúlio Vargas colocou a família como uma instituição protegida e promovida pelo Estado, afastando, assim, o perigo dos divórcios: “Enquanto a constituição de 1934 não admitia a discriminação por sexo, a de 1946 não tratou da questão. Mas condenou o preconceito racial. Grande polêmica foi travada em

¹ TURNER, Bryan, S. *El Cuerpo y la sociedad: exploraciones en teoría social*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989, p. 33

² As Gibson Girls foram criadas pelo norte-americano Charles Dana Gibson. Seus desenhos fizeram sucesso em fins do século XIX e início do século XX, existindo grande merchandising em diversos artigos como livros, porcelana, roupas. Elas eram figuras que se apresentavam com enormes penteados no topo da cabeça e uma silhueta curvilínea. Em termos de vestuário elas se destacaram por trazer algumas inovações, vestindo roupas mais confortáveis e práticas, em consonância com um perfil de mulher mais ativa e moderna. Ver: www.gibson-girls.com

torno da definição do casamento como monogâmico e indissolúvel para evitar qualquer possibilidade posterior de liberar o divórcio”³.

Paralelamente a esse cenário conservador, a prática dos esportes que, desde os anos 1920 se tornava, cada vez mais freqüente no país, toma lugar central na política de Getúlio Vargas. Na direção de um governo totalitário, o presidente estabeleceu um controle firme sobre os indivíduos, de maneira geral, mas concedeu atenção especial ao domínio dos corpos pela educação física. Esses eram considerados uma espécie de matéria prima do trabalho e, conseqüentemente, um meio de se alcançar a modernidade e progresso para o país: Muitas pedagogias participam desse movimento, mas a disciplina das massas passa necessariamente pela do corpo: “(...) O esporte define as normas de saúde e beleza, instaura competição e auto realização, desenha temporalidade racional, autônoma e exemplar, simplifica e unifica.”⁴

Na coluna “As Garotas” os corpos em movimento, os benefícios dos esportes, assim como das atividades ao ar livre estavam presentes, embora os benefícios em termos de saúde ficassem, algumas vezes, em segundo plano, já que as “Garotas” pareciam estar, também, interessadas em se exibirem para os rapazinhos. Se por um lado “As Garotas” pareciam estar em sintonia com disciplinarização dos corpos pela atividade física, por outro lado, caminhavam para uma realidade diferenciada. Os corpos em movimento na coluna apontavam para uma dimensão socializadora do esporte, assim como o desnudamento e a conseqüente exploração da sensualidade: “Nunca houve um homem tão gozado como o Silvinho! Disse que gosta de me ver de bicicleta só para apreciar as minhas curvas!”⁵

Nos anos que se seguiram ao fim da Segunda Guerra Mundial, a juventude começa, discretamente, a se afirmar como grupo social à parte, consolidando-se nos anos 1950. A moda norte-americana descontraída, tornava-se cada vez mais popular entre os jovens. Obstante a moda francesa continuar gozando de prestígio e presença na coluna, “As Garotas” mostravam, cada vez mais, os benefícios da praticidade e descontração da moda norte-americana, exemplificados pelo uso dos ousados shorts. Em um tempo em que a mulher não gozava de muita liberdade no vestir, e que as calças femininas e shorts ainda eram vistos com algumas ressalvas, essas ilustrações, de fato,

³ TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. Coleção tudo é História. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 48.

⁴ SHUPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento nos anos 1920*. São Paulo: Senac, 1999, p.12

⁵ “As Garotas do Alceu”. *Bicicletas & Garotas*. In: O CRUZEIRO, 05 de Agosto de 1946, p.22 e 23

faziam escolhas ousadas⁶: “O short tomou conta das Garotas. Ou melhor, as Garotas tomaram conta do short (...). O short ajuda o movimento das Garotas e por isso mesmo elas o tem como sua indumentária preferencial...”⁷

Ao mesmo tempo em que pareciam muito seguras de si, essas ilustrações viviam entre dilemas (como todo típico adolescente), esses entendidos pelo contexto de intensas modernizações (especialmente durante o governo de JK) vivenciadas no país, em que novos padrões de comportamento conviviam com os antigos. Ser adolescente era uma novidade e, muitas vezes, o jovem não sabia se portar em relação ao seu corpo e moda, de forma a não ferir o código de conduta aceito. Que roupas usar? O que seria adequado para a idade? Até onde ir com meu namorado?

Ao mesmo tempo, nesse momento do pós-guerra, a mulher assistiu a uma legitimação do seu papel de cuidar do lar e dos filhos. Ela deveria encarar a felicidade do seu esposo e dos filhos como dever e obrigação. Uma artificialidade se impunha à sua rotina, solteiras ou não, em termos da moda e cuidados com o corpo. Esse pensamento fazia sentido, na medida em que para a época, a mulher que não fizesse um bom casamento, era considerada socialmente fracassada. Assim, seus atributos físicos e vestuário impecável serviam como chamariz e fonte da manutenção do interesse masculino.

“As Garotas do Alceu” compartilhavam do padrão corporal estabelecido na época. Eram magras e longilíneas, mas ostentavam curvas, moldadas pela cinturinha minúscula. Mesmo possuindo, muitas vezes, atitudes ou mesmo um vestuário ousado, expondo mais os contornos do corpo, elas não fugiam do ideal feminino, aquele ainda confinado às cintas elásticas e submisso à uma certa artificialidade.

Os recursos de beleza passavam os requisitos básicos para uma jovem, que desejava escolher entre vários partidos aquele que a mais interessava, funcionando como uma espécie de camuflagem para as suas imperfeições: “(...) fingir ser bela, fingir, sobretudo perante o homem amado, que se tem a cintura fina, o porte de rainha e uma voz aveludada é, para os conselheiros de um passado recente, uma estratégia correta e mesmo saudável”.⁸ A beleza deveria servir ao homem, ou seja, ao seu desfrute.

⁶ Os shorts eram usados, desde a década de 1930, para práticas esportivas, porém ele só “ganhou as ruas”, a partir do final da década de 1960.

⁷ “As Garotas do Alceu”. Garotas em shorts. A. Ladino. In: O CRUZEIRO. 18 de outubro de 1952, p. 76 e 77

⁸ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: *Políticas do Corpo*; elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 127

impedindo que a sua verdadeira individualidade emergisse. “As Garotas”, mesmo se diferenciando desse padrão, muitas vezes, se entregavam aos tratamentos de beleza para manterem-se belas para os homens, como noticiava a coluna, apresentando o ideal de beleza construída: “O leitor é um esteta, naturalmente. Gosta de apreciar o belo. Mas, como um indivíduo apaixonado pela beleza, não precisa saber das causas. Contenta-se em adorar os efeitos”.⁹

O uso de todo esse aparato de beleza demonstrava estar em sintonia com o ideal moderno de mulher propagado pela revista *O Cruzeiro*, ou seja, a mulher consumidora e não necessariamente independente: “O que se percebe é que a mulher alcançava apenas uma independência consumista, e ainda com o dinheiro dos maridos, porque poucas usufruíam uma liberdade financeira própria”.¹⁰

“As Garotas” mesmo compartilhando do desejo de agradar aos olhos masculinos, evidenciavam sair desse lugar comum. A beleza das ilustrações parecia, muitas vezes, não estar a serviço dos homens somente, pois também atendia a um interesse maior: o delas: “Dos truques dessas pequenas não há que possa escapar, estrategistas serenas, elas sabem despistar. E, guerrilheiras capazes, que lutam sempre a sorrir, para vencê-las rapazes, só há um jeito, aderir”.¹¹

“As Garotas” para as mocas da época se tornaram modelos, ao mesmo tempo em que, para os rapazes elas representavam objetos de desejo: “O ideal da beleza feminina é variável, mas certas exigências permanecem constantes: entre outras exige-se que seu corpo ofereça as qualidades inertes e passivas de um objeto, porquanto a mulher se destina a ser possuída (...) não deve ser promessa de outra coisa senão de si mesmo: precisa deter o desejo”.¹² As ilustrações eram cercadas de uma magia inalcançável e uma estética perfeita. Sua imagem tornou-se um fetiche: “A incorporação do fetichismo é evidente em nossa sociedade, e pode ser vista em diversos contextos que representam, de um modo ou de outro, uma propriedade mágica do objeto fetichizado”.¹³

“As Garotas do Alceu” materializaram essa mulher mascarada pelo desejo de agradar, mas ao mesmo tempo, rompiam esse padrão para incorporar um modelo mais pessoal em sintonia com as suas vontades, mesmo que essas não fossem exatamente

⁹ “As Garotas do Alceu”. A beleza das Garotas. In: O CRUZEIRO, 01 de Agosto de 1942, p.20 e 21

¹⁰ CERPA, Leoní. *A máscara da modernidade: a mulher na revista O cruzeiro (1928-1945)*. Passo Fundo: UPF, 2003, p. 79

¹¹ “As Garotas do Alceu”. A tática das Garotas. Texto A. Ladino, 13 de maio de 1950, p.46 e 47

¹² BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 200

¹³ BOTTI, Mariana Meloni Vieira. Fotografia e fetiche: um olhar sobre a imagem da mulher. In: *Cadernos Pagu (21) 2003*, p. 105

esperadas pela sociedade conservadora a época: “Despistando os namorados e a todos mais despistando, mesmo de olhinhos fechados as Garotas vão maniando”¹⁴.

“As Garotas do Alceu” representavam um imaginário de uma sociedade em transição, ou seja, no compasso de uma renovação ampla desde os costumes às tecnologias. A modernidade estava no ar, e com ela, o sabor da mudança, o desejo do novo. As figuras compartilhavam da realidade vivenciada pelas mocas da época, viviam as mesmas angústias e obstáculos, além de gostarem das mesmas coisas. Seu corpo e moda estavam sujeitos às mesmas restrições e vigilâncias, em uma época que a formalidade ainda se sobrepunha. Entretanto apesar desse compartilhamento, elas eram ilustradas de forma particular, evidenciando uma realidade menos conservadora. Dividas entre a ousadia e o recato as figuras de Alceu Penna representaram uma tendência de liberação feminina que pairava no ar, e que, mesmo tímida, se tornou mais concreta nas páginas das esprevidadas “Garotas”.

BIBLIOGRAFIA

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980
- BOTTI, Mariana Meloni Vieira. Fotografia e fetiche: um olhar sobre a imagem da mulher. In: *Cadernos Pazu (21) 2003*
- CERPA, Leoní. **A máscara da modernidade**: a mulher na revista O cruzeiro (1928-1945). Passo Fundo: UPF, 2003
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: *Políticas do Corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995
- SHUPUN, Mônica Raisa. **Beleza em iogo**: cultura física e comportamento nos anos 1920. São Paulo: Senac, 1999
- TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. Coleção tudo é História. São Paulo: Brasiliense, 1993
- TURNER, Bryan. S. **El Cuerpo v la sociedad**: exploraciones em teoria social. México: Fondo de Cultura Económica, 1989

“As Garotas do Alceu”. In: O CRUZEIRO 1938 – 1964 (Jornal Estado de Minas)

¹⁴ “As Garotas do Alceu”. Garotas maniando. In: O CRUZEIRO, 25 de Agosto de 1956, p. 58 e 59

